



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS PARA JORNALISMO EM TEMPO REAL

ALINE GOMES BRAVIM

RA: 20412602

PROF^a. ORIENTADORA: MÔNICA IGREJA PRADO

Brasília, novembro de 2007.

ALINE GOMES BRAVIM

PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS PARA JORNALISMO EM TEMPO REAL

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Profª Orientadora: Mônica Igreja Prado

Brasília, novembro de 2007.

ALINE GOMES BRAVIM

PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS PARA JORNALISMO EM TEMPO REAL

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Profª Orientadora: Mônica Igreja Prado

Menção: _____

Banca examinadora:

Profª Mônica Igreja Prado
Orientadora

Profª Renata Lu Rodrigues Franco
Examinador

Gabriela Guerreiro
Examinador

Brasília, novembro de 2007.

Este trabalho, feito com esforço, dedico àqueles que me deram apoio e força em todos os momentos, e que foram minhas fontes de inspiração: meus pais – André Luiz Bravim e Marinúvia do Nascimento Gomes Bravim, e meus irmãos – Marcela Gomes Bravim e Alex Gomes Bravim. Dedico ainda, a todos aqueles que estão citados em meus agradecimentos, que com humildade e reconhecimento, sem eles não conseguiria concluir este estudo de fim do curso.

Existem pessoas que nos surpreendem a cada instante. Pessoas que em diversos momentos provam que existe companheirismo, amizade e cumplicidade. É exatamente a essas pessoas a quem devo o meu completo agradecimento nesta etapa tão importante da minha vida.

Agradeço, em especial, à minha orientadora professora Mônica Igreja Prado, a qual me fez enxergar além do que eu podia e me fez acreditar que eu era capaz; aos meus pais e irmãos, novamente, pois me deram a oportunidade de chegar onde cheguei; a todas as minhas amigas da escadinha, principalmente Mariana Corrêa Monteiro Vitória, que me deram força quando já não havia ânimo e me acompanharam por momentos de desespero e angústia; à professora Renata Lu por ter aceitado participar da banca de avaliação deste trabalho; e à jornalista e professora Gabriela Guerreiro, que me auxiliou em etapas fundamentais para a conclusão desse trabalho, sempre com respostas rápidas.

Um dia, sem dúvidas, darei retorno dessa grande ajuda que todos vocês me deram. Infelizmente, o que posso dizer por enquanto é muito obrigada, de coração.

Resumo

Este trabalho busca compreender como são feitas e apuradas as notícias para o jornalismo em tempo real. O ponto principal que será analisado é a pouca quantidade de tempo para produzir matérias jornalísticas e rapidamente publicá-las. Com a grande exigência de velocidade requisitada pelas redações de jornais on-line, muitas vezes torna-se curto o prazo para fazer uma boa apuração, correndo risco de dar informações erradas. Nesse caso, a credibilidade do veículo pode ficar comprometida. Outro fator que se deve levar em conta é o furo de reportagem. O que se vê nos dias atuais é a disputa entre veículos de comunicação para publicar a notícia em primeiro lugar. No meio dessa competição e corrida contra o tempo, alguns *sites* da internet acabam publicando informações duvidosas, e/ou acirradamente apuradas.

Palavras-chave: Tempo real, Jornalismo on-line, credibilidade, apuração, *web*.

Sumário

1	Introdução	8
1.1	<i>Justificativa</i>	9
1.2	<i>Contextualização.....</i>	10
1.3	<i>Objetivos.....</i>	11
1.3.1	Objetivo Geral	11
1.3.2	Objetivos Específicos.....	11
2	Desenvolvimento	12
2.1	<i>Embasamento Teórico.....</i>	12
2.2	<i>Metodologia</i>	20
2.2.1	Coleta de Dados	20
2.2.2	Análise dos Dados	22
3	Resultados	25
4	Considerações Finais.....	28
5	Referências	30
6	Anexos.....	31

1 Introdução

À medida que surgem novos meios de difusão de informação, os antigos veículos se modificam e reformulam seus conceitos para acompanhar a tecnologia, que interfere diretamente na forma de fazer as notícias, seja no rádio, na televisão, ou no jornal impresso. A última novidade do jornalismo foi a criação da internet – no fim dos anos 60, para propósitos militares, e que tomou fôlego nos anos 90 – que deu agilidade na divulgação das notícias. Junto com o jornalismo on-line, surge então o chamado tempo real. A idéia é que no menor prazo de tempo possível, a notícia esteja no ar, disponível para qualquer leitor, logo após o acontecimento do fato.

Contudo, resta saber com quais critérios e cuidados a apuração dessas notícias, que devem ser publicadas com a maior rapidez, são feitas. Logo, o que interessa nesse trabalho é fazer uma análise da maneira como são produzidas as matérias para tempo real. Dá tempo de escrever algo com precisão e certeza? Nota-se que, vez ou outra, devido a velocidade com que as notícias são trazidas para o conhecimento do público, muitos erros de informação vêm acompanhando à descrição do fato.

O novo e revolucionário Jornalismo em tempo real deve ser revisto e reformulado, para que a credibilidade, construída com tanta cautela pelos veículos de comunicação, não diminua.

1.1 Justificativa

Nas últimas décadas o Jornalismo foi surpreendido com novos meios de comunicação e novas formas de se comunicar. Uma delas é a internet. Entretanto, como todas as novidades, os profissionais da área ainda estão tentando se adaptar e lidar com a grande inovação. Este trabalho serve como instrumento para analisar como esta adaptação vem acontecendo e saber de fato se o Jornalismo conhecido como em tempo real é feito de forma séria e bem apurada. Da mesma forma que exige-se a velocidade da reprodução do fato em forma de notícia, diminui-se o tempo de investigação do acontecimento.

O objeto estudado nesse trabalho é a produção das notícias para o jornalismo em tempo real. Mais a frente estará explícita a metodologia usada para fazer essa reflexão e obter a resposta desejada. Não há tempo para uma boa e precisa apuração, partindo do pressuposto que no mesmo momento em que acontece um fato de importância e interesse da sociedade, imediatamente ele deve ser publicado. Um dos quesitos que interfere nesse paradoxo, digamos assim, é o furo jornalístico. A competitividade e cobrança entre os veículos de comunicação fazem com que os repórteres e editores das redações tratem a notícia como uma corrida de velocidade. Ganha quem publicar primeiro, independente da veracidade.

O tema foi escolhido para refletir e analisar se de fato há tempo suficiente para conciliar velocidade de publicação com pouco tempo para apuração.

1.2 Contextualização

A internet foi criada no fim da década de 60, em 1969 mais precisamente, no período em que acontecia a Guerra Fria. Foi desenvolvida por conta da necessidade de manter a comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos. Com o passar do tempo, foi-se adaptando a internet a novas utilidades. Há poucas décadas – em 1995 – a rede mundial tornou-se comercial, ampliando o seu acesso a toda sociedade. A internet foi adquirindo características de serviços. Aos poucos, as empresas de comunicação se adaptaram à rede para oferecer aos seus leitores, agora internautas, conteúdo e informação mais acessíveis e com maior agilidade.

Com a recente invenção da internet, o Jornalismo enxergou uma oportunidade de beneficiar-se em diversos aspectos, tais como: maior agilidade na comunicação entre jornalista, fonte e leitor; facilidade para inteirar-se do contexto dos fatos e acontecimentos a serem cobertos; maior acesso a informações e discussões de diversos assuntos em áreas específicas; acesso a arquivos e documentos em todo o mundo para auxiliar o jornalista na apuração de matérias pautadas a ele; e contato com órgãos, pessoas, fontes do mundo todo. Estas são apenas algumas vantagens que o jornalismo contemporâneo tem com a chegada da nova mídia digital.

Devido à disputa pela imediatividade entre os veículos de comunicação e diferentes empresas da área, o jornalismo faz da internet o seu principal instrumento de velocidade. Cabe, então, saber qual a veracidade e a credibilidade que o jornalismo on-line proporciona, tendo em vista que o tempo de apuração está cada vez menor. Além disso, a internet dá chance a qualquer pessoa de publicar informações. A concorrência e a independência que a rede mundial dá traz a dúvida quanto à credibilidade das notícias publicadas. Há ainda um outro fator que, mais à frente, pretende-se desenvolver e aprofundar: vale a pena publicar informações mal apuradas e imprecisas, apenas para dar o furo? Neste caso, qual a preocupação com a credibilidade que o leitor irá adquirir perante tal veículo, ou profissional?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Refletir sobre a produção de notícias no jornalismo em tempo real.

1.3.2 Objetivo Específico

- Conhecer as práticas e critérios de produção jornalística no jornalismo em tempo real;
- Refletir se o tempo é suficiente para fazer uma matéria bem apurada e precisa;
- Analisar se a pressão exercida em cima dos profissionais com relação ao prazo de publicação da notícia atrapalha a apuração do fato.

2 Desenvolvimento

2.1 Embasamento Teórico

A internet, por ser uma grande invenção tecnológica, tem amplas possibilidades de navegação, entretenimento e interação. Seu surgimento se deu a partir do final da década de 60, no período em que ocorria a Guerra Fria, com a finalidade de facilitar a comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos. Com o passar do tempo, a nova mídia foi adquirindo outras utilidades. À medida que se descobria novas funções para a internet, o acesso de seu conteúdo ampliou-se e tornou-se possível a instantaneidade para divulgação de conteúdos, incluindo notícias, imagens e sons.

Entretanto, durante os anos 70, o acesso ainda era muito restrito, e apenas pouca parte da população mundial tinha acesso a essa novidade eletrônica. Durante esta mesma época – início de 1970 – os Estados Unidos deram a partida no uso da internet para a troca de informações entre as pessoas, por meio de computadores.

J. B. Pinho, autor de “Jornalismo na Internet – Planejamento e produção da informação on-line”, diz que a *web*¹ é provavelmente a parte mais importante da internet e, para muitas pessoas, a única parte que elas usam, um sinônimo mesmo de internet.

Impulsionados por essa transição tecnológica, os outros meios de comunicação – rádio, televisão e jornal impresso – foram obrigados a se reestruturarem para acompanhar à mudança ocasionada. Começa a surgir então o jornalismo on-line, responsável por dar agilidade na difusão das notícias.

O surgimento de novas mídias para meios de comunicação sempre exigiu uma reformulação nos demais setores do jornalismo: o meio impresso teve que se adaptar com a chegada de instrumentos como o off-set e a rotativa; o rádio ganha qualidade à medida que são inventadas tecnologias para uma melhor transmissão;

¹ *Web* é a abreviação de *World Wide Web*, que significa rede de alcance mundial, que interliga documentos e usuários através de hipertextos.

e, por último, a televisão transforma-se e adquire força quando surge a interatividade entre notícias e telespectadores.

A invenção da internet não se fez diferente e muito menos passou despercebida. Os outros meios de difusão de notícias tiveram que repensar conceitos que até então imperavam. Uma nova estrutura de fazer matérias foi estabelecida, sobretudo no meio impresso, que por sua vez passou a ser utilizado como espaço de interação e reflexão, aproximando-se mais de seus leitores e apresentando matérias com maior profundidade e contextualização, com colunas de opiniões, escritas por jornalistas geralmente bem conceituados. Essas mudanças foram definidas para que os impressos não perdessem o lugar nas fontes de informação da sociedade como um todo.

Começando por partes, as redações dos impressos foram obrigadas a se modernizarem, trocando as máquinas de escrever por computadores. Essa mudança, inclusive, trouxe uma facilidade na comunicação interna entre os outros setores do jornal. Na verdade, a evolução deu-se da seguinte forma: do manuscrito ao impresso, e deste ao eletrônico.

Os programas de edição de texto representaram, na verdade, um salto qualitativo da informática, e os estudos da lingüística foram fundamentais no aperfeiçoamento da linguagem dos computadores. Pode-se dizer, e assumimos a ousadia da afirmação, que a informática só poderia ter sido viabilizada numa cultura de código da escrita fonética. Os milhões de livros que se acumulam nas bibliotecas do Ocidente nada mais são do que a combinação *ad infinitum* das 26 letras do alfabeto. (HOHLFELDT, MARIALVA, 2002, p. 225)

Por volta de 1980, os programas de tratamento de texto foram evoluindo. Simultâneos a essa evolução, os próprios jornalistas, por sua vez, tiveram que acompanhar esse desenvolvimento. De início, as redações que investiam nas novas mídias, deram chance para jovens jornalistas. "Nos Estados Unidos, na Espanha e no Brasil a maioria delas era formada por profissionais com um bom currículo acadêmico, mas com pouca experiência no jornalismo". (Hohlfeldt, Marialva, 2007, p. 243)

Além de ter sido obrigado a utilizar novas ferramentas e a desenvolver a linguagem e conceitos apropriados para a arquitetura *web*, o jornalista passou a enfrentar desafios com relação a uma carga de trabalho ainda mais desgastante do que a do profissional que atuava no diário impresso. (HOHLFELDT, MARIALVA, 2002, p. 246)

De acordo com Antonio Hohlfeldt e Marialva Barbosa, em “Jornalismo no século XXI – A cidadania”, quando os jornais começaram a fazer edições on-line, não sabiam para onde iam, nem por que o faziam, mas tinham a intuição de que se não fizessem acabariam por desaparecer. (2002, p.224).

A primeira experiência prática de primeiro grande jornal foi estabelecida pelo The New York Times, que proporcionou aos leitores notícias via *web*, por volta dos anos 70. Os serviços oferecidos eram resumos e textos com artigos atuais e artigos sobre suas edições diárias. Foram implementados, pouco a pouco, nas redações de jornais, uma espécie de diário virtual, tendo em vista que a internet oferecia e oferece benefícios muito mais rápidos quando comparada a outros meios. Posteriormente aos Estados Unidos, a Espanha foi o segundo país a apresentar jornais em versões on-line. Em 1995 surgiu, virtualmente, o jornal Avui e, em seguida, o El Periódico de Catalunya e La Vanguardia.

No Brasil, o primeiro jornal que se apresentou virtualmente foi o Jornal do Brasil, em 1995, baseado no modelos norte-americanos. Outras experiências práticas no Brasil valem ser destacadas: Dinheiro Vivo, Blue Bus, Invest News, O Globo On e Terra Networks. Na América Latina, os jornais on-line foram lançados quase que no mesmo tempo dos brasileiros. Atualmente – no século XXI – todos os grandes jornais brasileiros têm a versão on-line disponível para leitores e usuários.

No entanto, o conteúdo apresentado era exatamente o mesmo da versão impressa. À medida que as mentalidades e idéias iam amadurecendo nas redações, o teor dos serviços apresentados nas redes foi tomando novos rumos. Editores e jornalistas perceberam que, para manter as edições on-line, seria preciso buscar outros recursos, como por exemplo, uma maior quantidade de notícias. Com isso, a grande diferença que podemos notar entre o meio on-line e os demais veículos de comunicação é a administração por parte do próprio usuário em relação ao conteúdo farto e dinâmico. Além disso, as notícias virtuais são altamente aprofundadas,

permitindo a interação entre o leitor e o conteúdo. Essa facilidade de acesso aos conteúdos da *web* deu chances a qualquer pessoa publicar textos, o que traz à tona uma outra discussão que envolve credibilidade dos conteúdos de internet que não vale destacar nesse momento, porque não é o objeto desta pesquisa.

Segundo os autores de "Jornalismo no Século XXI - Cidadania", em 1996 surgiram resumos das notícias e outros produtos exclusivos do jornal digital. A intenção era oferecer aos leitores algo diferente da versão impressa, com notícias mais completas e aprofundadas e reportagens especiais, dando a possibilidade do leitor buscar links sobre assuntos relacionados.

No ano seguinte, em 1997, houve um grande crescimento no número de jornais virtuais em todo o mundo. A quantidade superou em 80% da previsão feita por especialistas, nos Estados Unidos e na Europa.

Outro assunto que deve ser abordado é a participação do leitor nesse processo, e como ele influenciou na transformação do conteúdo digital. De acordo com um questionário aplicado pela autora Luciana Moherdauí, do livro *Guia de Estilo Web – Produção e Edição de Notícias on-line*, em 301 estudantes de Comunicação Social do estado de São Paulo em agosto de 1999, 30,6% dos alunos dizem que o primeiro passo para atraí-los na busca de informação on-line é o título das matérias, seguido de fotos (24%); chamadas (23%); conteúdo (15%); e lead (6,7%). Na pesquisa, a autora conta ainda que 36% dos alunos gastam de 15 a 30 minutos lendo notícias na *web*.

Acompanhando a revolução tecnológica do jornalismo on-line e a proposta de satisfazer, sobretudo, às necessidades e vontades dos leitores, surge então a idéia de tempo real, exigindo uma constante atualização das matérias e a publicação imediata quando acontece um fato e/ou decisão.

O conceito de tempo real no jornalismo brasileiro, segundo Adghirni (2001), surgiu com a Agência Broadcast, do Grupo *O Estado de São Paulo*, que, em 1991, passou a produzir informações econômicas e financeiras para uma carteira de clientes especiais. A idéia, segundo a autora, teria sido inspirada na experiência da agência britânica Reuters. Nesse tipo de informação, o fundamental é a atualização, medida em minutos e até em segundos. (HOHLFELDT, MARIALVA, 2002, p. 289)

Cabe acrescentar que jornalismo em tempo real é diferente de jornalismo da internet. Nem sempre os jornais virtuais apresentam notícias em tempo real. Este novo tipo de jornalismo, o de tempo real, criou uma verdadeira obsessão entre os concorrentes de veículos, e faz com que apareça cada vez mais agências de notícias. As notícias, por sua vez, vão se construindo ao longo do dia, à medida que são apuradas novas informações, que só no fim do dia se consolidam em uma matéria completa. Essa velocidade, que passou a ser exigida com o tempo real, não dá a possibilidade de notícias contextualizadas e com análises.

Hohlfeldt e Marialva dizem que, com a popularização da internet e a criação do sistema *www*, praticamente todos os jornais brasileiros passam a ter edições *on-line* e a medir forças quanto à capacidade de atualizar mais rapidamente as informações. Os autores também mencionam o fato de os jornalistas renunciarem seus papéis de mediadores e intérpretes da realidade, o que na verdade, define a função do jornalista.

O trabalho do repórter ou do editor do jornal *on-line* restringe-se, muitas vezes, ao ato mecânico do “copiar-colar”, sem a etapa prévia de levantamento, apuração e cruzamento das informações junto às fontes, confrontando os mais diferentes pontos de vista. (...) E os jornais parecem-se cada vez mais com uma “usina de informações”. (HOHLFELDT, MARIALVA, 2002, p. 292)

Neste caso, a internet fica muito mais focada como um meio de furos jornalísticos. Porém, o meio *on-line* ainda enfrenta algumas barreiras. Uma delas, e sem dúvida a maior de todas, é o fator credibilidade. Justamente pelo motivo de a internet ser um meio muito dinâmico e acessível para que qualquer pessoa publique notícias, a questão da confiança nos conteúdos da *web* ainda não foi devidamente superada, sobretudo se o site não for atrelado a um veículo da mídia já conhecido.

(...) No entanto, como ainda se dá menos credibilidade à rede do que a um veículo impresso ou ao rádio e à TV, os “furos” jornalísticos na Internet raramente são percebidos, apesar de acontecerem todo o tempo. Esse descrédito em relação ao jornalismo *on-line* também vem da pouca seriedade que muitos veículos de comunicação dão à função da Internet como uma nova mídia, que, definitivamente, não

substituirá as outras, mas terá o papel de integrar todas em uma só, sem perder a identidade. (MOURA, 2002, p. 49)

Por esta razão o principal conceito do jornalismo – a precisão – fica comprometido. A credibilidade dá ao veículo e profissional a oportunidade de ser confiável e fonte de informação de determinadas pessoas da sociedade.

O tempo real se encaixa nesta lógica e produz um excesso de informações sem sentido, priorizando a velocidade e a quantidade em detrimento da qualidade. O excesso de informação provoca a escassez de sentido da sociedade. A internet, se de fato é uma nova mídia, é também uma miscelânea de informação e entretenimento geralmente descontextualizada dos significados sociais. O poder da informação ficou esvaziado, relativizado. A informação se massificou e se segmentou ao mesmo tempo. Fragmentada, só poucos sabem selecioná-la, relacioná-la, pensá-la de forma articulada, no contexto da história. (HOHLFELDT. MARIALVA, 2002, p.313)

A teoria do *newsmaking* fala do aspecto conteúdo e se fundamenta a partir dos critérios de importância e noticiabilidade dos fatos. No entanto, ela questiona também a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos. No primeiro caso, quando se fala de profissionais da área, destaca-se também senso para definir o que pode virar uma notícia ou não. Trata-se da mediação do repórter. Por outro lado, não se pode deixar de mencionar as linhas editoriais do veículo, pois a partir dela o repórter avalia, junto com os chefes de reportagem, a relevância de cada acontecimento.

A definição e a escolha daquilo que é noticiável – em relação àquilo que, pelo contrário, não o é – são sempre orientadas pragmaticamente, isto é, em primeiro lugar, para a factibilidade de produto informativo a realizar em tempos e com recursos limitados. (WOLF, 1999, p. 191)

Todo esse processo acontece no jornalismo on-line. Apesar da velocidade imposta pelos veículos da internet, os repórteres têm que seguir os padrões de noticiabilidade das empresas para as quais trabalham, e isso é discutido entre aqueles que apuram e correm atrás dos fatos – jornalistas – e os chefes e editores

de reportagem.

Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, cotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 1999, p. 190)

Este argumento, levantado por Mauro Wolf, pode ser demonstrado por todos os meios de comunicação quando vão definir o que vai dar consistência de notícia. No jornalismo de tempo real não é diferente. Os repórteres precisam ter um faro e uma intuição para escolher os fatos mais importantes e convenientes para publicar.

Outro ponto abordado por Wolf na teoria do *newsmaking* são os valores que são dados para chegar ao consenso do que é ou não importante a ponto de virar notícia. O que não se pode é levar em conta apenas o fato, puro e simplesmente. Existem outros critérios que se espalham ao longo do processo de produção das matérias. Critérios esses que variam no tempo, ressaltando que cada caso tem sua particularidade. O autor afirma que esses valores derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas, como as características substantivas das notícias; a disponibilidade do material e os critérios relativos ao produto informativo; ao público; e à concorrência.

Semelhante à prática de produção de notícias para o jornalismo em tempo real, Wolf faz uma citação em seu livro, de um outro autor.

Aquilo que, geralmente, é transmitido ao público é a localização dos acontecimentos, os indivíduos que neles estão envolvidos e pormenores com as designações geográficas, os nomes das personagens públicas, de indústrias, etc. Com freqüência, estes elementos ocupam, automaticamente, o primeiro lugar na memória dos destinatários, enquanto as causas e as conseqüências dos acontecimentos permanecem em fundo. O que daí resulta é uma memória fragmentada, cheia de pormenores isolados e a que falta o contexto. (FINDHAL – HÖIJER apud, WOLF, 1981, p. 116)

Como já foi falado, o jornalismo do tempo real é construído por partes. Os repórteres vão apurando partes de um fato, e simultaneamente publicam nos portais. Entretanto, a notícia mais completa e mais aprofundada só toma corpo no fim do dia, quando vira a soma dos fragmentos constituídos ao longo do dia. Porém, isso não é regra geral. Há alguns fatos que se esgotam no momento do ocorrido.

2.2 Metodologia

Para investigar como o Jornalismo em tempo real se dá na prática optou-se por entrevistar profissionais de comunicação que trabalham para a mídia digital e em tempo real. As entrevistas foram feitas, de preferência com jornalistas que escrevem para os principais meios de notícia, tais como Portal Terra, Portal G1, Folha on-line e Último Segundo.

2.2.1 Coleta de Dados

A coleta de dados foi obtida por meio de pesquisas e buscas de sites, portais on-line e profissionais que trabalham com o jornalismo em tempo real. Depois de selecionar os veículos mais importantes, a segunda etapa constou de uma seleção de repórteres e editores que trabalhavam nestes meios, produzindo matérias em tempo real.

As entrevistas foram feitas no dia 01 de outubro de 2007, segunda-feira, no Comitê de Imprensa do Senado Federal, com quatro jornalistas que permitiram a publicação de seus nomes e veículos para os quais trabalham: Gabriela Guerreiro – da *Folha on-line*; Maria Clara Cabral – do *Portal Terra*; Eduardo Bresciani – do *Último Segundo*; e com Roberto Maltchik – do *Portal G1*. O questionário com a chefe de reportagem de um portal do qual não quis identificar, Liana Pithan, foi feito no dia 08 de outubro, via e-mail, já que a jornalista trabalha em Porto Alegre. Outros editores e chefes de reportagem foram procurados, mas devido à falta de tempo dos próprios profissionais, não foi possível fazer a entrevista com maior número de pessoas.

O Comitê de Imprensa do Senado foi escolhido por ser um lugar de fácil acesso e onde todos os jornalistas aqui mencionados trabalham diariamente. No entanto, vale ressaltar que esses profissionais que lidam com o tempo real são setoristas do Senado Federal e, portanto, estão voltados para a cobertura de apenas um local específico. O dia escolhido, segunda-feira mais especificamente, pois é o dia da semana mais tranquilo na rotina dos jornalistas de tempo real que trabalham

no Senado. Segundo eles, os outros dias são mais tumultuados e dificilmente eles teriam tempo para darem as entrevistas.

Outra questão a ser considerada é o tempo de trabalho que cada profissional tem nos veículos respectivos e no meio on-line. Apenas duas jornalistas entre os quatro entrevistados têm uma experiência maior no jornalismo de tempo real. A Gabriela Guerreiro, repórter da Folha on-line, já trabalhou durante 6 anos na Agência Brasil, outro portal de notícias em tempo real. É, portanto, a jornalista mais experiente entre os entrevistados. Os outros três repórteres têm apenas no currículo a experiência atual sobre notícias instantâneas. Cabe, então, ressaltar que as respostas daqueles que têm menos tempo de atividade nessa área jornalística foram mais superficiais.

Uma breve apresentação dos entrevistados: a jornalista Gabriela Guerreiro trabalha para a Folha on-line há 1 ano, e já passou pela Agência Brasil – durante 6 anos – e pela rádio CBN, por 1 ano. Maria Clara Cabral está no Portal Terra há dois anos. O repórter do Último Segundo, Eduardo Bresciani, trabalha no jornal on-line há 2 meses. Por fim, o jornalista do Portal G1, Roberto Maltchik, trabalha para o site de notícias da Rede Globo há quase 1 mês.

Nas entrevistas, cinco perguntas foram feitas:

- 1) Quais são as pressões sofridas para a matéria em tempo real?
- 2) Quais são os critérios de publicação?
- 3) E como é o processo de correção de matérias?
- 4) Dá tempo de uma boa apuração e publicar?
- 5) Você nota as reações do leitor quanto à credibilidade com os erros do tempo real?

As questões, colocadas e analisadas com a professora orientadora, foram escolhidas para saber, sob o olhar de profissionais que lidam com o jornalismo de tempo real no dia-a-dia, se há de fato tempo para uma boa apuração e publicação de uma matéria precisa e fiel aos acontecimentos relatados.

2.2.2 Análise dos Dados

Antes de mais nada, é necessário ressaltar o tempo de experiência on-line dos entrevistados. Dentre os quatro jornalistas, apenas a repórter da Folha on-line tem uma grande carga com jornalismo de tempo real. Ela, que já foi repórter da Agência Brasil, portal de publicação instantânea, durante 6 anos, agora trabalha para o site de notícias do jornal Folha de São Paulo há 1 ano. Maria Clara Cabral, do portal Terra, está há dois anos trabalhando para o veículo nessa área.

Todavia, há dois repórteres entre os entrevistados que estão na cobertura on-line há poucos meses. O primeiro, Eduardo Bresciani, está há dois meses no portal Último Segundo, e Roberto Maltchik, há 1 mês no portal G1, site de notícias em tempo real do jornal Globo on line. Por causa do pouco tempo de rotina de jornalismo instantâneo por parte da maioria dos repórteres que participaram da coleta de dados deste estudo, as repostas daqueles com menor tempo de experiência foram mais superficiais e não muito explicativas. No entanto, é notável a falta de aprofundamento nas notícias quando se trata de veículos em tempo real.

Em relação à primeira pergunta – quais são as pressões sofridas para a matéria em tempo real – todos os jornalistas acreditam que o tempo é o maior peso na elaboração da notícia para o jornalismo instantâneo. Quatro, dos cinco profissionais entrevistados (Gabriela Guerreiro, Maria Clara Cabral, Roberto Maltchik e Liana Pithan) destacaram que junto com a pressão do curto prazo para a publicação da notícia, há a pressão da concorrência. Segundo eles, os chefes de redação comparam todas as matérias e fatos publicados por outros veículos. Além disso, os jornalistas precisam estar atentos para as informações que os repórteres de diferentes sites têm, para não serem cobrados pelos editores. Eduardo Bresciani, do Último Segundo concorda com os demais, entretanto, não comentou sobre a pressão da concorrência. A jornalista Gabriela Guerreiro completou seus argumentos, dizendo que essas pressões sofridas pelo tempo real dificultam um pouco o trabalho, porém acrescentou que faz parte da dinâmica do jornalismo on-line. Liana Pithan destacou que no portal para o qual ela trabalha, a orientação é de que se os repórteres se sentirem pressionados pela questão do tempo e por conta disso fizerem uma má apuração, o site prefere publicar a notícia depois da concorrência, porém com informações corretas.

Quando perguntados sobre os critérios de publicação em tempo real, segunda questão, dois dos quatro jornalistas – Maria Clara Cabral e Eduardo Bresciani – responderam que a base das notícias são assuntos factuais. O que estiver acontecendo naquele momento vira matéria e logo depois é publicada. A repórter da Folha on-line, Gabriela Guerreiro, e a chefe de reportagem, Liana Pithan disseram que são publicados os assuntos principais do dia, decididos por uma conversa entre ela e editores da redação. Segundo a jornalista, as matérias que a chefia da Folha on-line exigem são um pouco mais compridas do que as matérias de outros sites. Já Roberto Maltchick, do Portal G1, acredita que deve ser publicado aquilo que o próprio jornalista achar necessário e relevante. Para ele depende ainda do que a concorrência está apurando e escrevendo.

O terceiro ponto da entrevista foi sobre os critérios que são utilizados nas correções das matérias. Entre os quatro jornalistas, apenas um deles – Gabriela Guerreiro da Folha on-line – manda as informações para os editores, que dão uma rápida vistória e em seguida publicam no site. Os outros três profissionais entrevistados fazem a matéria e automaticamente enviam o conteúdo ao ar, sem passar por qualquer tipo de revisão. “Salvo quando a matéria vai para capa, aí sim o conteúdo passa por uma checagem da chefia”, diz Maria Clara Cabral. O repórter do Portal G1, Roberto Maltchik, afirma que tem revisão apenas aquelas matérias que, segundo sua intuição, são importantes. Já Eduardo Bresciani conta que ele próprio verifica se há erros no conteúdo da informação. Pithan, chefe de redação disse que o processo de correção não difere do jornal impresso, e que portanto, a matéria passa por um redator e depois por um editor.

Sobre a pergunta “Dá tempo de uma boa apuração e publicar?”, todos responderam que há tempo para uma apuração fragmentada e superficial. De acordo com a jornalista Maria Clara Cabral, o jeito é se concentrar no factual. Maltchik disse que depende do tempo que tem para fazer a matéria e se a concorrência está escrevendo sobre o mesmo assunto. Segundo ele, às vezes são publicadas matérias mal apuradas, com problema de análise e não de conteúdo. Liana Pithan argumentou dizendo que matéria mal apurada não pode ser publicada, e que assim como os outros veículos de comunicação, as notícias on-line estão passíveis de falhas.

Por fim, o tópico abordado foi com relação à percepção por parte dos

jornalistas quanto à credibilidade que os erros do tempo real podem provocar. Duas respostas foram controversas: a do repórter do Último Segundo, Eduardo Bresciani, que relatou não notar o comportamento dos leitores, e de Liana Pithan. Bresciani diz que não há tempo para ler os comentários, e geralmente são “militantes virtuais” que se manifestam. Para Gabriela Guerreiro, Maria Clara Cabral e Roberto Maltchik, os leitores do on-line gostam e aprovam o “erramos”. Segundo eles, o público é exigente e participativo, porém, o objetivo é errar o menos possível para que a credibilidade não fique comprometida.

Quanto ao procedimento que o veículo tem quando uma matéria é publicada com erro de conteúdo, três sites dão o “erramos” – a Folha on-line, o Portal Terra e o Portal G1. Entre os três, o único que não adota essa medida é o Último Segundo, site de notícias em tempo real do IG. Apesar desta pergunta não estar relatada no questionário, ela foi feita aos jornalistas no decorrer da entrevista, de maneira informal.

3 Resultados

Embora o jornalismo on-line fosse novidade entre os outros meios de comunicação, ele tinha que apresentar, junto à sua chegada, algo além do que os outros veículos para chamar a atenção do público, leitores, ouvintes ou telespectadores. Caso contrário, não faria sentido um jornalismo semelhante aos que já haviam sido inventados. Portanto, seguindo essa linha de raciocínio, o meio virtual de difundir notícias trouxe, entre outras mudanças, sobretudo velocidade à publicação das informações e fatos do cotidiano.

Essa rapidez em divulgar coisas que estavam acontecendo naquele mesmo instante em que a informação fosse publicada foi chamada de tempo real. Os portais de notícias colocavam no ar todas as apurações conseguidas, até então, para manter os leitores informados cada vez mais rápido. O que se leva em consideração não é o assunto abordado na matéria, mas sim a ordem cronológica dos acontecimentos. Um dos motivos que ocasionou essa alta demanda de atualização de notícias foi para que o público envolvido com o mercado financeiro pudesse tomar decisões de acordo com o que estava acontecendo no cotidiano, evitando assim perda nos lucros. Em média, os conteúdos são atualizados a cada cinco minutos, o que possibilitou uma grande concorrência entre os portais de diferentes jornais.

Vale lembrar que um dos méritos da profissão é o “furo” jornalístico – informação publicada em um veículo antes dos demais – que traz reconhecimento ao repórter que apurou o fato e à empresa para o qual ele trabalha. Com a velocidade proporcionada pela internet, ficou, de certa forma, muito mais fácil dos veículos furarem a concorrência. Mas, não podemos generalizar. Conseqüentemente, a competição entre os jornais e jornalistas aumentou descontroladamente. O que se nota é a busca pela quantidade e velocidade, abandonando o conceito de qualidade.

Há inclusive uma grande pressão sofrida pelos chefes de reportagem, que comparam impreterivelmente todas as notícias de todos os repórteres com as notícias do concorrente. Além disso, as notícias veiculadas, atualizadas minuto a minuto, se tornam fragmentadas e descontextualizadas. O que são publicados, na verdade, são pedaços de informações, que formam uma matéria superficial e que só

se tornará uma notícia completa no fim do dia, dependendo do caso.

Cabe, então, concluir que o jornalismo de tempo real se transformou em um verdadeiro meio de disputa entre os veículos de comunicação, desprezando os princípios básicos da profissão: credibilidade e o foco no interesse da sociedade e dos leitores. Há também o fator de que os jornalistas acabam perdendo o seu papel de mediador entre a informação e os leitores. A idéia inicial, de manter o público ligado aos acontecimentos instantaneamente estimulou a falta de preocupação no real sentido da profissão, que é o de dar voz à sociedade e cobrar do governo e demais autoridades seus trabalhos.

O jornalista, do francês *journaliste*, significa analista de um dia. Com o desenrolar da busca pela velocidade e competição pelo furo, não há tempo para que o repórter se preocupe em analisar e contextualizar a notícia. A velocidade era para ser um ponto positivo e trazer benefícios aos meios de comunicação e aos leitores, telespectadores e ouvintes. Contudo, o jornalismo de tempo real ainda tem batalhas a vencer, que é a credibilidade do veículo como formador de opinião e fonte fiel de pesquisa, e resgatar os valores e princípios que o jornalismo propõe para a sociedade.

A prática da produção de notícias jornalísticas para o jornalismo em tempo real tem sido dificultada pela grande pressão exercida por parte dos grandes chefes de redação, que cobram dos repórteres cada vez mais agilidade para a apuração e publicação da notícia. Os jornalistas, por sua vez, têm como desafio um curto espaço de tempo para checar as informações dos fatos e acontecimentos para enviar a matéria, muitas vezes direto para o próprio site, sem que ela passe por uma revisão. Há então, publicação de registros, que pode ser a terceira categoria no mundo do Jornalismo, antecedida por notícia e reportagem. A notícia, por definição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de 2001, é um resumo de um acontecimento e um escrito ou exposição sucinta de um assunto qualquer. A reportagem se define pela cobertura de um acontecimento, a análise e a preparação do texto final a ser entregue, e pretende esgotar o acontecimento, suas causas e conseqüências. Segundo o Dicionário, o registro é apenas um conjunto organizado de um ou mais dados relacionados entre si, e tratado como uma única unidade.

Todo esse procedimento adotado, e essa cobrança da velocidade por parte de seus superiores acabam influenciando, de forma negativa, a produção das

notícias para o jornalismo instantâneo. De certa forma os repórteres se sentem mais obrigados a darem o furo na concorrência do que a fazer uma matéria bem apurada e contextualizada. É óbvio que o objetivo é não dar informações erradas, porém é notável que a pressão da velocidade oferecida pelo jornalismo de tempo real traz alguns prejuízos na produção das notícias.

4 Considerações Finais

A grande influência que a velocidade proporcionada pela internet faz ao jornalismo em tempo real prejudica, de fato, a apuração e a produção das notícias. O que se produz, na verdade, são informações fragmentadas que pouco a pouco vão se concretizando em forma de matéria. São produzidos registros de acontecimentos.

Devido às pressões sofridas – por parte da chefia de reportagem, da concorrência e do curto espaço de tempo – a probabilidade de se cometer erros é bem maior do que nos outros veículos, quando se tem mais tempo de apuração. Isso certamente afeta diretamente a credibilidade dos jornais on-line. Os leitores são exigentes e cobram precisão nas informações publicadas. Até porque o público que usa a internet para se manter informado é bastante dinâmico. Se alguém leu a notícia uma vez, não significa que ela vai ler de novo mais tarde, e portanto se houver erros na matéria, corre-se o risco de o leitor não ver que tinham informações erradas naquele conteúdo.

Apesar de grande parte do público freqüentador dos sites noticiosos procurar a internet como meio de informação veloz e interativo, os leitores sabem que o prazo de apuração das notícias para o tempo real é curto.

No entanto, esse novo jornalismo proposto pela combinação do avanço da tecnologia com o ato de informar as pessoas tem ainda grandes desafios daqui para frente. O principal deles é conquistar a credibilidade que está presente nos outros meios de comunicação. Talvez uma saída que os veículos virtuais podem encontrar é buscar as origens do jornalismo e focar a prática da produção das notícias para o tempo real no cidadão, e não na concorrência, como tem sido feito.

Outra batalha que deve ser conquistada por esse meio de informação é em relação aos jornalistas, que precisam rever seus papéis propostos muito antes da internet ser inventada. Os profissionais dessa área têm uma função muito importante que é a de traduzir informações, mediar diálogos entre a sociedade e governo, fiscalizar o poder público e finalmente, produzir notícias que são de interesse da sociedade. Esse papel, sem dúvidas, não tem sido realizado com tanta importância tal qual deveria ser.

Gostaria de deixar claro neste trabalho, para que alunos futuros da área

possam refletir sobre essa construção de um terceiro segmento do Jornalismo. O registro é, nada mais do que a divulgação de um acontecimento. Como já havia dito, o jornalista acaba deixando de exercer sua grande função como mediador entre a informação e os leitores e passa a ser apenas um transmissor e divulgador de fatos.

5 Referências

PINHO, J.B. *Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação on-line*. São Paulo: Summus, 2003.

VIANNA, Ruth Penha Alvez. *A informatização da imprensa brasileira*. São Paulo: Loyola, 1992.

MOHERDAUI, *Guia de estilo web: Produção e edição de notícias on-line*. São Paulo: Senac, 2002.

MOURA, Leonardo. *Como escrever na rede: manual de conteúdo e redação para Internet*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HOHLFELDT, Antonio. BARBOSA, Marialva. *Jornalismo No Século XXI – A Cidadania*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1999.

6 Anexos

Entrevistas feitas com repórteres que trabalham com a produção de notícias para o jornalismo de tempo real e com editores da área.

- **Gabriela Guerreiro – *Folha On-line***

1) Quais são as pressões sofridas para a matéria em tempo real?

Ah, são muitas. Tem a pressão do tempo, que tem que correr pra dar aquela informação, a pressão da concorrência, que você tem que dar a informação na frente da concorrência, e aí essa pressão vem da chefia mesmo porque: "Ah, o site X ta dando isso, a gente tem essa informação? Não tem? Porque eles têm e a gente não tem? Porque eles deram antes e a gente não deu?", então tem muito isso. Tem essa pressão de tempo, a gente tem que ser rápido, tem que ter a dinâmica de escrever muito rápido, a pressão da concorrência, e a pressão da apuração. Você tem que jogar uma informação correta pra não dar o "erramos" depois. A Folha on-line, por exemplo, trabalha com "erramos". No site de vez em quando tem lá. Eles têm essa prática de corrigir mesmo que coloque o erramos. A gente trabalha, é claro, para não dar o "erramos". Não é o que eu quero que aconteça nunca, mas existem essas pressões que sem dúvida dificultam um pouco o nosso trabalho, mas elas fazem parte da dinâmica do veículo on-line.

2) Quais são os critérios de publicação?

Eu posso falar mais da Folha como funciona. A Folha on-line é dividida por editorias, então a gente tem: Brasil, cotidiano, dinheiro, e aqui em Brasília a gente foca mais nessas três. Ainda tem outros, mas aqui a cobertura é focada. E eu venho todo dia pro Congresso, converso com a chefia por telefone, os assuntos que são os principais do dia, e também é engraçado porque não dá pra ter uma pauta pré definida. À medida que as coisas vão acontecendo, você vai mudando a pauta. De repente acontece uma coisa mais importante e derruba alguma coisa que estava prevista inicialmente para ir atrás de outra que foi ganhando mais importância no decorrer do dia.

3) E como é o processo de correção de matérias?

Tem alguns sites que o próprio repórter joga o conteúdo imediato. Não é o caso da Folha on-line. Eu mando para o e-mail dos editores da minha editoria, que dão uma lida, mas é um processo muito rápido. Mando e cinco minutos depois está publicada no site. Claro que passa por uma revisão. Não é uma publicação imediata, mas nós somos muito cobrados por português, por correção, por tudo, para não errar nada. Então tem que ter os cuidados do repórter, que já dá o texto pronto para entrar no ar. Lá é só uma revisão bem rápida para já divulgar o conteúdo.

4) Dá tempo de uma boa apuração e publicar?

Dá tempo sim. É por isso que eu falo que a dinâmica do on-line é diferente do jornal, justamente por isso. Porque o jornal do papel você tem o dia para apurar uma matéria e on-line você acaba dando fragmentos do que vai virar uma matéria no dia seguinte no jornal. Então você consegue uma apurazãozinha, você joga e assim que vai construindo o seu material ao longo do dia. É claro que é ainda uma apuração mais superficial porque você vai construindo aquela informação ao longo do dia. Às vezes eu olho uma nota que eu fiz às 10hrs da manhã, às 18hrs a nota já perdeu a validade porque as coisas já mudaram. Então assim, eu não digo nem que é uma apuração superficial, porque a gente tem realmente o cuidado de apurar, mas é uma apuração fragmentada e te dá só uma pequena visão daquele fato e a medida que o dia vai passando e sua apuração vai avançando, você consegue construir um fato mais consolidado.

Por exemplo, um jornalista chegar aqui hoje no Congresso, começar cobrindo para o tempo real, vai ter dificuldade. À medida que você vai se familiarizando, aquilo vai ficando mais fácil. Então acho que dá tempo. Não dá para ter uma matéria completíssima de manhã.

5) Você nota as reações do leitor quanto a credibilidade com os erros do tempo real?

Eu olho o erramos de uma forma muito positiva. Porque se o veículo está indo a público mostrar que ele errou, é até credibilidade. Estou lendo uma matéria e se não tem nada errado contra ela, é porque está tudo bem. Então eu sou favorável. Muitos sites não trabalham com o erramos, eles mexem na matéria e consertam. Não divulgam que aquilo ali estava errado, só atualiza em cima do que já estava publicado. Mas eu acho interessante, porque a audiência on-line é muito rotativa. Ler uma matéria de manhã, não significa que você vai reler. Possivelmente, você já leu e já assimilou aquele conteúdo. Se está errado, vai ficar errado para quem leu. A medida que se ressalta que tinha alguma coisa errada, a pessoa lê aquela matéria e diz: "deixa eu ver o que tinha de errado aqui", então eu sou favorável ao erramos, mas não é uma prática comum na maioria dos sites. Nas pesquisas feitas pela Folha, geralmente eles têm dito que o "erramos" é uma prática bem vista.

• M^a Clara Cabral – *Portal Terra*

1) Quais são as pressões sofridas para a matéria em tempo real?

A pressão é principalmente de tempo, porque a gente tem que publicar super rápido, a redação sempre compara com a concorrência. Apesar de para o leitor não fazer muita diferença, para os nossos editores e para quem está na redação minutos fazem diferença. Então a gente tem que estar ligado o tempo inteiro em tudo que está acontecendo e conseguir escrever e publicar bem rapidinho. E essa é a maior pressão do on-line.

2) Quais são os critérios de publicação?

No Terra, diferente de outros portais, a nossa orientação é não dar matérias muito longas porque o pessoal acredita que quem está na internet é para ler coisas rápidas, sem ser muito cumprida. Mais do que cinco, seis parágrafos eles orientam não dar, diferente do jornal. Por isso acaba facilitando um pouco que a apuração nem sempre é tão grande como no jornal. A gente acaba se concentrando mais no factual, não tem tempo de apurar muito bastidor, até porque a gente tem que apurar tudo on-line e não dá tempo de correr atrás de coisa bastidor, factual.

3) E como é o processo de correção de matérias?

No começo eu sempre mandava a minha matéria para o meu editor, sempre passava por correção dele, redator e um monte de gente na redação lia. Hoje eu já posso publicar direto no site, no portal. Mas se é uma notícia importante, eu publico direto, mas antes de ir para a chamada de capa e de destaque, sempre passa pelo editor. Mas continua sendo, infelizmente, e eu acho que todos os veículos tem menos rigor com relação a isso. Vira e mexe, por causa da rapidez que a gente tem acaba saindo um errinho aqui e outro ali, mesmo de digitação que a gente não percebe.

4) Dá tempo de uma boa apuração e publicar?

Matéria bem apurada a gente não consegue fazer. A gente se concentra mais no factual. Um dia ou outro a gente segue para o bastidor, mas eu pessoalmente, fico mais com o que acontece no dia-a-dia, diferente do jornal que é mais apurado.

5) Quando há erro, qual o procedimento?

Nós damos o "erramos". Se é erro de digitação, uma coisa assim, a gente arruma ali mesmo. O on-line tem isso que é bom, porque às vezes as matérias que não estão no destaque nós arrumamos ali mesmo, porque para ir para o destaque, tem que estar tudo certinho. Mas se dá erro, nós damos o "erramos", outra chamada com o "erramos".

6) Você nota as reações do leitor quanto a credibilidade com os erros do tempo real?

Muda a credibilidade, mas o jornal impresso também dá o erramos. Então sempre é ruim. A gente procura errar o menos possível e sempre dar a notícia certinha para evitar isso. Porque até para o nosso nome. Nós é que estamos assinando a matéria e fica ruim de aparecer um erramos. Como jornalista, você que dá a cara para bater. Mas com a pressão do dia-a-dia, acaba saindo um errinho ou outro. É ruim, mas eu acho melhor dar o "erramos" do que esconder um erro e dizer para o leitor que está tudo bem. É mais honesto dar o "erramos".

- **Eduardo Bresciami – *Último Segundo***

1) Quais são as pressões sofridas para a matéria em tempo real?

A gente tem uma situação que é puxada, tem uma cobrança, mas é relativamente tranqüila. Principalmente pelo que eu converso com os colegas, é uma pressão um pouco menor do que dos outros. A gente na verdade é uma terceirizada – Santa Fé idéias – que presta serviço para o IG aqui em Brasília. Bom, o tempo é bem complicado. A diferença na apuração de jornal para on-line é nítida. Não se consegue aprofundar o tema como se aprofunda para o jornal. O declaratório tem uma força muito grande no tempo real. O disse isso e o disse aquilo acaba tomando o espaço de uma coisa mais analisada do que realmente é a notícia. Na hora de fazer matéria o pessoal pede que a gente destaque muito mais o que o pessoal que estava lá falou. E a forma de apuração é diferente. Quando estamos em uma coletiva o que se quer é a frase rápida e a informação rápida. Não há tempo para tentar entender o que está por trás daquela frase.

2) Quais são os critérios de publicação?

O critério é o que acontece agora, como o próprio tempo real diz. Os dias que a gente faz coisas fora do factual mesmo, é na segunda e na sexta-feira, que conseguimos fazer matéria diferente. A questão de critério é meio solto, porque justamente aqui a gente é correspondente, não temos uma redação grande de base. Então é um trabalho em que você se pauta muito e vai atrás do que você acha importante. É claro que nós temos uma orientação, mas não é nada fechado como é quando se está em uma grande redação com um esquema local mesmo.

3) E como é o processo de correção de matérias?

No Último Segundo ocorreu algumas vezes de eu mesmo ligar para a redação e verificar erros. Não sei se isso é informado o leitor como deveria. Sei que alguns sites informam isso de forma bem claro. Acho que o Último Segundo até tem o recurso "erramos", mas não é usado. Essa questão de erramos é bem complicada porque todas as vezes que você for mexer em uma matéria for considerar um "erramos", matérias de política, que é uma coisa que muda muito é complicado isso, porque às vezes a coisa mudou mesmo. Tem horas que quando você passou a informação era aquilo e depois de uma hora não é mais. Tem esse complicador.

4) Dá tempo de uma boa apuração e publicar?

Dá tempo, dentro das limitações do veículo. Uma matéria de tempo real raramente vai ter, como uma matéria de jornal, seis ou sete fontes. É um veículo diferente. A gente procura ter sempre a certeza daquilo que está passando. Porque é uma responsabilidade muito grande pois a gente acaba sendo pauteiro dos colegas. O que a gente está passando, está influenciando no trabalho. Então não pode ser: "eu acho alguma coisa e já publicar", porque além de errar, vai induzir muita gente ao erro e seu próprio leitor também que vai confiar naquela informação. Então eu acho que é possível sim fazer uma boa apuração em tempo real, mas é uma apuração diferente, assim como a apuração de rádio e de televisão. O mais similar com o tempo real é o rádio, que tem essa mesma pressão de tempo.

5) Você nota as reações do leitor quanto a credibilidade com os erros do tempo real?

Nós não temos o tempo necessário para olhar os comentários que tem, por exemplo, na tua matéria. E tem um problema grande de internet também. Esses dias até tentei dar uma olhada em comentário, para ver se tinha alguma pessoa comentando a matéria. Mas os comentaristas de internet são uma coisa impressionante. Você publica uma matéria dizendo que o Renan Calheiros disse e o cidadão entra, e coloca um comentário dizendo que o Lula é ladrão. Se você for olhar os sites e os blogs, poucos cidadãos se manifestam diretamente com as matérias. São muitos militantes que se posicionam, militantes virtuais.

- **Roberto Maltchik – *portal G1***

1) Quais são as pressões sofridas para a matéria em tempo real?

A pressão é alta, porque a concorrência é clara. Quando a notícia é de decisão, alguma coisa importante, que vai ser destaque nos jornais, a pressão é muito alta. Quando é uma matéria meio banal, a gente tem que fazer porque tem que fazer mesmo e aí não tem tanto problema. Se logo em seguida eu vier com uma outra matéria que também não é tão importante e não seja exatamente a mesma dos concorrentes. Mas quando tem uma decisão tomada, um anúncio feito, a pressão é muito grande.

2) E como é o processo de correção de matérias?

É o critério do erro da informação, aquilo que não pode estar errado. Eu posso publicar direto, ou posso passar antes pela equipe. E não dá para errar. Quando erra tem que ter muito cuidado para ver o porque errou, pois o objetivo é não errar. E o G1 dá o "erramos".

3) Dá tempo de uma boa apuração e publicar?

Depende do que tempo que se tem para fazer aquela matéria, depende se os concorrentes estão fazendo a mesma matéria. Se tiver todo mundo fazendo a mesma matéria, tem que tentar ser o mais conciso possível e tem que ser muito rápido no que é uma avaliação do que é uma informação boa e o que é suficiente para fechar uma matéria. Às vezes eu estou ouvindo um alguém que já falou o que eu queria e eu já larguei ele e já fui atrás de outro para contextualizar a matéria e fazer uma coisa um pouco mais acabada. Quando dá uma decisão, uma coisa que foi tomada há muito pouco tempo eu tento esperar um pouquinho e ouvir uma outra pessoa para dar uma matéria um pouco mais contextualizada, mais bem apurada para os dois lados, de preferência. Mas às vezes não dá. Às vezes temos que dar uma matéria mal apurada com o problema de análise. Não é problema de conteúdo. O cara que lê aquela matéria vai ter a avaliação de um lado. Então terá que esperar a segunda matéria, que virá uma avaliação do outro lado para fazer um juízo de valor. Mas, de fato, prejudica um pouco o fato de ser on-line.

5) Você nota as reações do leitor quanto a credibilidade com os erros do tempo real?

Claro que sim. Eu acho que o leitor da internet gosta muito de ver o erro. Então dá para perceber que tem muito leitor que adora ficar mandando erramos, comentário, "ah, você escreveu errado tal palavra". E às vezes, tu bateu errado aquela palavra e suprimiu um a letra, por exemplo e ele diz: "ah, o repórter é burro, o repórter não sabe escrever". E na verdade é um erro de digitação, não é um erro de português. Mas eu acho que sim, dá para fazer uma matéria bem apurada, dá para cuidar o conteúdo e ao mesmo tempo dá para ser rápido também. Eu acho que tu tem que se mobilizar pela própria intuição. Saber se é uma matéria que tenha que ser dada antes, saber se tem que ser uma matéria mais bem apurada, ou saber se aquela matéria pode ser dada antes sendo um pouco mais bem apurada porque os teus concorrentes não estão fazendo. Então é uma série de fatores que você distribui para chegar a conclusão sobre a qualidade daquela informação e a maneira como ela está sendo dada. Agora sem dúvida, o leitor é muito exigente. Por isso que cabe a nós também se adaptar a essa exigência e ser o mais criterioso possível. Errar o menos possível. Então eu acho que o objetivo é não errar.

- **Liana Pithan – Chefe de Reportagem de um portal**

1) Quais são as pressões sofridas para a matéria em tempo real?

A pressão é de se ter as notícias antes da concorrência. Da mesma forma que acontece em TV e Rádio. Só que internet é um meio ainda mais rápido que as demais mídias, portanto, há centenas de possibilidades em um único dia de furar a concorrência - e de levar furo. A pressão tem uma consequência danosa - o risco de se publicar algum texto com erro de digitação é também muito maior do que em um jornal, onde o tempo de revisão é bem maior. O "fazer jornalístico", porém, é exatamente igual ao de qualquer mídia. Os repórteres não podem se sentir pressionados ao ponto de fazerem mal a apuração. Se isso ocorre, nós os orientamos: preferimos publicar depois da concorrência do que fazê-lo com erro de informação.

2) Quais são os critérios de publicação?

Os mesmos de um jornal impresso. A relevância da informação.

3) E como é o processo de correção de matérias?

A matéria passa primeiro por um redator e depois é lida pelo Editor. Também não difere de um jornal impresso.

4) Dá tempo de uma boa apuração e publicar?

Tem que dar. Matéria mal apurada não pode ser publicada. Porém, assim como qualquer outra forma de jornalismo, é passível de falhas no processo de apuração. Mas as falhas não são maiores pelo fato de ser on-line.

5) Você nota as reações do leitor quanto a credibilidade com os erros do tempo real?

Não temos como medir se há abalo da credibilidade com o jornalismo. Todas as reclamações de leitor que eu já li sobre erros de digitação ou ortografia eram focados especificamente nisso. Nunca li (pode ser que já tenha havido, só não tenho conhecimento) de ser colocada em dúvida a qualidade jornalística em função de falhas que podem ocorrer quando existe uma necessidade de se escrever muito rapidamente.